

# A práxis dialógica e a construção da intersubjetividade: uma vivência em encontros de voluntários que atuam em grupos da terceira idade

*Dialogue praxis and the building of intersubjectivity: an experience of meetings of volunteers who work with senior citizen groups*

## **R**esumo

O presente artigo trata da análise de falas expressas por voluntários que atuam junto a Grupos de Convivência de Idosos. Caracteriza-se por uma pesquisa de tipo qualitativo, construída a partir de encontros de voluntários, promovidos por entidades governamentais e organizações não-governamentais. Utilizamos o diálogo como mediação dos encontros, buscando constituir a polifonia das significações enunciativas, construindo um conhecimento intersubjetivo sobre o tema Terceira Idade e capacitando-nos para uma ação mais consciente e democrática.

**Palavras Chaves:** Sujeito, Enunciado, Discurso, Inter-Subjetividade/ Subjetividade, Velhice.

## **A**bstract

The present article concerns the conversations among volunteers who work with "Grupos de Convivência de Idosos" (Groups of Companionship among Senior Citizens). It is characterized as a qualitative kind of research, built up through meetings among the volunteers, promoted by governmental and non-governmental organizations.

Dialogue is utilized in the meetings, seeking to build a polyphony of enunciative meanings, building an inter-subjective knowledge regarding the theme of the Third Age and fostering a capability for a more conscious and democratic action.

**Key Words:** Subject, Utterance, Discourse, Inter-Subjectivity, Old Age

*Maria da Graça dos Santos Dias*

Professora do Curso de Serviço Social e membro do Núcleo de Estudos da Criança, Adolescente e Família/ DSS/CSE/UFSC.

Doutoranda em Direito/UFSC

## Introdução

**A** Política de Assistência ao Idoso, instituída pelo Ministério da Previdência e Assistência Social em 1975, ressalta a relevância da atuação integrada do estado e sociedade civil.

Com a intenção de mobilizar e capacitar voluntários para atuarem junto aos Grupos de Convivência de Idosos são realizados treinamentos em âmbito regional, estadual e municipal.

Estes encontros, promovidos por instituições governamentais ou organizações não-governamentais, contam com a atuação de equipes transdisciplinares, que abordam temas referentes à geriatria, gerontologia, políticas públicas, direitos sociais dos idosos, entre outros.

Em 1993 participamos (enquanto membro do Núcleo de Estudos da Criança/Adolescente/Família) de três encontros de voluntários. Um de abrangência regional, sediado em Tubarão e promovido pela ex-Fundação Legião Brasileira de Assistência. Outro realizado em Palhoça (Grande Florianópolis), sob a coordenação da Ação Social Arquidiocesana, envolvendo suas entidades filiadas e o último efetuado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, de abrangência municipal.

Ao tematizarmos a atuação dos voluntários, junto aos grupos de convivência, o fizemos a partir da reflexão do vivido do próprio voluntário.

Buscamos o conhecimento deste mundo humano-social, dos grupos de convivência de idosos, a partir das percepções, compreensões e sentidos enunciados pelos próprios sujeitos envolvidos (voluntários).

Através do diálogo, intencionamos constituir a polifonia das significações enunciativas, vivenciando uma troca que nos permitiu a construção de um conhecimento intersubjetivo, plural; ao mesmo tempo

que nos capacitou para uma ação mais consciente e democrática.

## Acerca do sujeito e do enunciado

O sujeito é uma das questões centrais na análise do discurso.

...o discurso não tem como constituir a representação fiel de uma realidade, mas assegura a permanência de uma certa representação". Por isso há na gênese de todo discurso o projeto totalizante de um sujeito, projeto este que o converte em autor. Este projeto é o de "*assegurar a coerência e a completude de uma representação. O sujeito se constitui como autor ao constituir o texto. A autoria é o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. E onde se realiza o seu projeto totalizante* (Orlandi, 1988, p.10-19).

Ao enunciar, o sujeito coloca em funcionamento a língua. Este ato de utilização da língua tem um caráter histórico. Quando alguém coloca a língua em funcionamento constitui-se como sujeito inter-subjetivamente.

Eduardo Guimarães coloca que, na medida em que assumimos um ponto de vista sócio-histórico, devemos considerar no próprio conceito de enunciação condições sócio-históricas próprias deste acontecimento. Afirmar que enunciar é, pelo menos em parte, determinado socialmente. Considera o enunciado como unidade discursiva, caracterizando-se como elemento de uma prática social. Inclui, na sua definição, uma relação com o sujeito, mais especificamente com posições sociais do sujeito. Seu sentido se configura como um conjunto de formações imaginárias do sujeito e de seu interlocutor e do assunto de que se fala. Para Guimarães, é próprio das condições de existência de um enunciado que existam outros. É impossível pensar a linguagem fora de uma relação. A linguagem tem um

caráter "inescapavelmente histórico", só podendo ser pensada na relação com outros elementos e com o sujeito.

A esse respeito, Bakhtin afirma que:

os enunciados não são indiferentes; são mutuamente conscientes e refletem um ao outro. Cada enunciado é pleno de ecos e reverberações de outros enunciados, com os quais se relaciona pela comunhão da esfera da comunicação verbal (...) Cada enunciado refuta, confirma, complementa e depende dos outros; pressupõe os que já são conhecidos, e, de alguma forma, os leva em conta (apud Stam, 1992, p. 74).

A essa relação entre enunciados, Bakhtin chama "dialogismo".

Dialogismo se refere à relação entre o texto e seus outros, não só em formas bastante cruas e óbvias como o debate, a polêmica e a paródia, mas também em formas muito mais sutis e difusas, relacionadas com os overtones e as ressonâncias: as pausas, a atitude implícita, o que se deixou de dizer, o que deve ser deduzido. Embora na origem o dialogismo seja interpessoal, aplica-se também por extensão à relação entre as línguas, as literaturas, os estilos e até mesmo às culturas. No sentido mais amplo, o dialogismo se refere às possibilidades abertas e infinitas geradas por todas as práticas discursivas de uma cultura, toda matriz de enunciados comunicativos onde se situa um dado enunciado (Stam, 1992, p. 73-74).

Assim como existe uma relação entre enunciados, há também uma relação entre texto, sujeito e formação discursiva.

Segundo Orlandi, o

sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas (Orlandi, 1988, p.21).

A formação discursiva caracteriza-se como aquilo que numa de-

terminada formação ideológica define o que pode e deve ser dito. O sentido das palavras é dado pelas formações discursivas nas quais são produzidas.

Uma palavra recebe seu sentido na relação com as outras da mesma formação discursiva e o sujeito-falante aí se reconhece.

A formação discursiva é, enfim, o lugar da constituição do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com os outros sujeitos) e aí está a condição do famoso consenso intersubjetivo (a evidência de que eu e tu somos sujeitos) em que, ao se identificar, o sujeito adquire identidade. É nela também, como dissemos, que o sentido adquire sua unidade (Orlandi, 1988, p. 21).

Todo signo tem uma significação, com a qual, explícita ou tacitamente, os sujeitos acordam. Podemos dizer que nos expressamos a partir de acordos semânticos estabelecidos ou pré-estabelecidos.

Entretanto, em relação ao sentido, este é definido pelos sujeitos dialogantes. O limite do sujeito que faz a leitura interfere no sentido. Na análise de uma fala é preciso saber de que lugar o sujeito está falando.

Embora os vocábulos tenham uma significação, esta ainda é indeterminada, pois, no discurso, é que ganham um sentido.

A linguagem não tem apenas uma conotação comunicativa. Ela tem também uma idéia de intervenção. Pela linguagem o homem integra-se ao mundo. Mas, isto não se dá quando o homem não porta a ideologia dominante. A linguagem está sempre ligada à ideologia. À maneira como representamos alguma coisa, criamos e re-produzimos o mundo.

Há uma heterogeneidade de sentidos no vocábulo, ou signo. A interpretação depende da amplitude do conhecimento e da vivência do sujeito.

Ao colocar a questão do sujeito, devemos também refletir sobre o assujeitamento do sujeito. Nem sempre é ele que fala, mas a língua (ou a ideologia) que fala através dele. Todo discurso se funda num interdiscurso, numa memória discursiva. Podemos igualmente identificar uma relação entre linguagem e consciência.

Para Bakhtin, a exterioridade acaba construindo a interioridade e isto acontece com a consciência.

Segundo Pecheux, há um jogo entre estrutura e acontecimento.

Na análise de falas, procurando compreender o sentido doado a determinado fenômeno (expresso num signo), ou seja, na análise de enunciados, precisamos compreender se eles são expressos de modo parafrástico (dizer com o mesmo sentido) ou de maneira polissêmica (dizer com ampliação de sentido). Isto nos permitirá intuir o nível da dominação da linguagem/ideológica (assujeitamento do sujeito) ou o nível de criação e expressão pessoal do sujeito.

O sentido é compreendido como unidade semântica; não é zona de projeção estável e homogênea de um querer dizer, mas um nó num espaço de conflito, uma estabilização nunca definitiva num jogo de forças. A força de estabilização é compreendida como o parafrástico e a estabilização nunca definitiva como a polissemia.

O discurso designa um modo específico de apreensão da linguagem: ela faz sentido para os sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou históricas. Todo homem, enquanto existente, está situado num tempo e num espaço e é daí que ele fala, enunciando a si, o outro e o mundo.

Todo enunciado é produzido num quadro institucional que restringe a enunciação. E todo enunciador (sujeito) fala a partir de uma formação discursiva. Na formação discursiva

está implícita uma instituição e um controle. A formação discursiva é caracterizada pela busca de unidade posicional de uma dispersão de textos, busca de lugar de enunciação.

O discurso é constituído pelo dizer (enunciação-acontecimento) e pelo dito (enunciado-estrutura). Entre o dizer e o dito está o sentido. Há um sujeito e um acontecimento discursivo antes de dizer. O sujeito, como já nos referimos, é assujeitado pela ideologia (crítica do Materialismo Histórico Dialético) e pelo inconsciente pessoal e social (visão Psicanalítica).

Conforme Authier-Revuz, há duas ordens de realidades irreduzíveis, mas solidárias no discurso: a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada.

Na primeira "algo fala" (processo de representação constitutivo do discurso), revelando o interdiscurso (idéia de inconsciente), o outro do discurso. O outro emerge no discurso, dilacerando-lhe a continuidade, insistindo contra a dominação do sujeito (lapso por exemplo). Os rompimentos e suturas escondem e anulam as lacunas. Caracteriza um processo de enegação (negar o que está claro).

O discurso mostra a ilusão do sujeito e manifesta também a falha, a falta no gesto de preenchê-la. A ilusão, então, não apaga radicalmente o que busca recalcar. Para Authier-Revuz, o equívoco não é perfeito, "o determinismo não é sem falha".

A segunda realidade constitutiva do discurso, a heterogeneidade mostrada no discurso, caracteriza o sujeito que fala. São processos reais de constituição ou condições reais de existência.

Um se delimita na pluralidade dos outros: o sujeito se delimita, o discurso se delimita, ou seja, se individualiza através da conjunção constitutiva.

O outro faz parte da nossa identidade. Aparece um enunciador externo (aquele que se apresenta dizendo: eu sei o que digo) – constrói-se a imagem do sujeito, que anula o descentramento real. Não existe um sujeito que seja dono do universo.

Para Authier-Revuz

a representação da enunciação, por ser ilusória, é proteção necessária para a manutenção do discurso, que só assim pode criar corpo, materialidade, e, figurar, ao mesmo, tempo o sujeito que enuncia. (Apud Furlamento, 1984:73)

O sujeito sofre influências diversas ao fazer suas enunciações, mas deve chegar a um efeito de unidade em seu discurso – apesar da heterogenidade dos discursos que o influenciam. A alteridade é condição fundamental da vida social. O outro é necessário para a realização da percepção do eu. É parcial a percepção do indivíduo por si mesmo. A imagem no espelho é arquétipo da percepção de si. O outro é que pode dar o sentido de unidade ao indivíduo. A consciência humana desperta envolvida pela consciência de outrem (relação imaginária).

O sujeito, enquanto enunciador, não fala em seu nome. O sujeito tem várias funções, assim seu nome, sua identidade é marginal na formação discursiva. Conforme o espaço que ocupa é distinto seu discurso. A construção da identidade passa pelo olhar do outro.

O intra-discurso é sempre construído como um inter-discurso, aparece a idéia de memória, de inter-textualidade, de dialogismo.

## Sujeitos enunciando velhice nos treinamentos de voluntários

Os vividos intencionais são informados de significação pela consciência. Os fenômenos de “significação” e “expressão” são correlativos” (Capalbo, 1980 p. 60).

Significar é dar sentido a alguma coisa.

Descrevemos, a seguir, significações sobre a Terceira Idade enunciadas por voluntários, que atuam em grupos de convivência na região sul do Estado (19 municípios).

### Treinamento de Tubarão

Ao indagamos qual a compreensão que têm da velhice, as pessoas a expressam como:

- “última fase da vida”,
- “uma fase da vida”,
- “compreensão”,
- “experiência”,
- “sabedoria”,
- “serenidade”,
- “um estado de espírito”,
- “um momento de vida em que se adquire também novos conhecimentos”,
- “a vida completa, vida vivida, não interrompida”,
- “auto realização”,
- “harmonia consigo mesmo”,
- “revolta e rejeição de si mesmo”,
- “passividade: aceitação de tudo”,
- “doença, depressão, rejeição”,
- “inutilidade”,
- “teimosia”,
- “chantagem e comodismo”,
- “auto-valorização”,
- “velhice só acontece quando a pessoa perde o sentido de viver”,
- “não depende de idade”,
- “velhice é não ser valorizado, é não ter atenção, pois, assim, a pessoa desanima e envelhece mais rápido”,
- “meu coração é jovem e não me sinto velha”,
- “o espírito não envelhece”,
- “quando a pessoa se acomoda, se amoiita, fica velha”,
- “velhice fisicamente existe”,
- “velhice não existe”,
- “velho é aquele que não faz nada”,
- “velho é aquele que quer. É uma opção”,

- “velhice é prolongamento da vida, juventude”,
- “velha é uma pessoa desiludida”,
- “velhice é pensada pelos outros – família, sociedade – como inutilidade e é rejeitada”,
- “é falta de carinho”,
- “velhice é amadurecimento”,

Os participantes, ao expressarem suas significações de velhice, expõem-se a si mesmos:

- “estive muito doente, então, fiz uma promessa que, se eu ficasse boa, me comprometeria num trabalho comunitário. Surgiu, então, o trabalho com o idoso”,
- “cuidei de meus pais, depois que eles morreram senti que não tinha feito o que era possível para eles. Decidi, por isso, trabalhar com idosos”,
- “os idosos têm uma ligação com minha vida. Quando surgiram os grupos de idosos, senti que poderia ser útil”,
- “a aposentadoria me despertou um vazio muito grande. Vi nos grupos de idosos uma forma de preencher este vazio”,
- “as coisas devem vir de dentro para fora. O idoso deve tomar suas decisões”,
- “quando enviuvei, fiquei dependente dos meus filhos... Depois me conscientizei de que era responsável por minha própria vida... Foi no grupo de idosos que se deu meu processo de libertação. O grupo supriu minha carência afetiva”,
- “tenho 72 anos de idade e sinto mais disposição do que quando tinha 18, quando me casei. Perdi três maridos e nunca desanimei... Tenho uma vocação para levar as coisas para frente. Eu rezo, trabalho na roça, costuro, atendo a comunidade. Dou um conselho às desanimadas: sejam positivas, a vida é bela, eu não me desespero, não me descabelo. Eu trabalho por vocação, trabalho para o mundo, para a comunidade”,
- “a solidão é forte... não deixo a solidão tomar conta de mim”,
- “quem vive com Deus não está só; a solidão não existe”,

- “eu sou analfabeta. Pertencço a oito serviços: novena, pastoral, grupos... Desde pequeninha sou assim. Peguei um marido bem bacana. Não sei ler, mas vou atrás. Estudei, mas não consegui juntar as letras. Mesmo assim, participo da Igreja, do Sindicato...
- “o meu marido diz: – ela está doente, mas no dia do grupo pede até para o filho levar ela de moto”,
- “olha, eu li num livro que tenho em casa, que tem duas maneiras de trabalhar: a primeira, se trabalha como escravo do dinheiro e a segunda, se trabalha para o mundo melhorar. Nosso trabalho com os idosos é para o mundo melhorar”,

Interpelamos os participantes para que expressassem sua compreensão a respeito do Grupo de Convivência. Eles enunciam:

- “o grupo resgata a história de vida dos idosos”,
- “valoriza o que os idosos fazem”,
- “descobre-se no grupo o que os idosos querem”,
- “uma vez um idoso me disse que o grupo era coisa para pobre. Hoje, depois de estar participando, ele diz que o grupo é coisa para quem quer ser feliz”,
- “os idosos sentem alegria, quando nos encontram. Eles ficam felizes, tem mais vida, renascem”,
- “os idosos de nosso grupo levantam as necessidades em suas comunidades e orientam as pessoas. Quando tem um idoso doente, sem assistência, eles encaminham para o médico. Se tem uma criança sem ir à Escola, eles conversam com os pais e os orientam quanto a recursos. Em qualquer dúvida, eles recorrem a nós, voluntárias”,
- “no nosso grupo, os homens se reúnem separados das mulheres. Os homens só jogam. As mulheres querem continuar separadas, porque, assim, elas podem contar piadas e falar sobre certas coisas que faziam quando eram solteiras. Algumas eram “levadas”. Elas querem ter liberdade. Querem ter voz e vez”,
- “no nosso grupo, comemoramos os aniversários. Muitos idosos nunca receberam um presente antes. Choraram quando a gente comemora o aniversário e dá um presente”,
- “os nossos idosos gostam muito de nós, mas não gostam de trabalhar”,
- “o grupo é forma de liberdade. Eles se libertaram, se decidiram, romperam o bloqueio dos afazeres e dos filhos”,
- “o grupo renova o ânimo deles”,
- “o grupo é uma saúde”,
- “no dia do grupo, não têm doenças”,
- “uma senhora do nosso grupo estava internada na UTI num hospital em Curitiba e lá ela ainda falava no grupo para os filhos. Depois ela morreu”,
- “o grupo desenvolve o poder da mente e da oração”,
- “eu me reabasteço no grupo”,
- “uma senhora, quando começou a participar do grupo, foi o melhor remédio. Ela tinha um problema sério de vista. Não que ela tenha curado de todo; mas ela melhorou. A cada reunião melhora sua visão”,
- “o grupo cura a depressão”,
- “em nosso município, os idosos atendem no Posto Médico. Conforme os diagnósticos médicos, eles dão chás e ensinam como devem ser tomados. Distribuem também mudas de plantas medicinais”,
- “a gente nasce de novo com o grupo”,
- “comecei a viver depois que entrei no grupo”,
- “para o voluntário, o grupo permite uma realização pessoal”,
- “os idosos encontram carinho no grupo”,
- “em nosso município, segundo o médico, diminuíram as consultas depois do funcionamento dos grupos”,
- “no grupo há uma troca, a gente dá e recebe”,
- “eu trabalho para ganhar a amizade e o amor de Deus”,
- “o céu começa aqui na terra, preparo o caminho”,
- “se vivemos bem com o outro, vivemos no céu”,
- “para ser feliz tenho que fazer o outro feliz”,
- “quando vejo o outro sorrir sou feliz”,

## Treinamento em Florianópolis

Para constituir nosso tema de reflexão e, buscando estabelecer o diálogo, interpelamos os participantes sobre a sua compreensão acerca da terceira idade. As significações expressas, por serem fundadas no vivido das pessoas, contêm, não só uma compreensão cognitiva, mas também afetiva e prática. Seguem as significações expressas:

- a gente tem que se aceitar como é, com muito prazer. Não adianta querer ser nova quando não se é,
- “acho bom contar a história que já vivi para os outros”,
- “adoro o grupo de idosos. Não considero eles como coitadinhos. Em alguns aspectos são mais ativos do que nós”,
- “as pessoas idosas são sinceras, honestas. O grupo não dá problemas”,
- “estou recebendo uma lição do grupo”,
- “a gente não dá coisas, só companheirismo”,
- “comparo o idoso a um poço que está secando, onde tem que se tirar todo o lodo e o barro até chegar à água cristalina, que ele é. O idoso, como o poço, tem que ser trabalhado”,
- “a gente fica surpreso quando se percebe que está ficando idoso. A pele caindo, rugas... No grupo a gente está se preparando e aprendendo com ele a ficar velho”,
- “o que é ser idoso? Pergunta importante. A gente não está morrendo, tem saúde para viver”,
- “não tem coisa melhor do que esse momento que está acontecendo na minha vida; esses três anos que trabalho com idoso. Me sinto recompensada. A vida da gente muda”,
- “a velhice é entendida, pelos outros, como inutilidade”,

- “é uma parte de ignorância quem não sabe lidar com o idoso. Eu me choquei com a agressão de um cobrador de ônibus para com um casal que mal podia andar. Ele (cobrador) mandou o motorista tocar rápido para terminar de quebrar a perna deles de uma vez. Era um casal que mal podia andar. Eu me puni por eles e chamei o cobrador de ignorante. Nunca esqueço disso. Acho que foi este o motivo pelo qual decidi trabalhar com idosos. Queria pedir para o pessoal aqui da Prefeitura para colocar panfletos nos ônibus para ver se o idoso é melhor atendido. Pedir às autoridades por mais respeito ao idoso”,
- “parece que criança tem mais direito que o idoso”,
- “no grupo a gente dá para os idosos o carinho que muitas vezes a família não dá”,
- “não quero ficar velha jogada. Hoje, se dá muito valor ao jovem e pouco valor ao idoso. Eu tenho orgulho da minha vida, sinto-me feliz”,
- “velho é considerado, pelos outros, um lixo e não uma pessoa”.
- turar, entrar na canoa, nem que seja para morrer”,
- “ser idoso é ter garra”,
- “há muitos idosos que fazem chantagem com os mais novos. Usa a idade para conseguir as coisas e se aproveitar dos mais novos”,
- “a maioria se prevalece da idade, mas, para mim, idoso tem que ter espírito jovem. Nós voluntárias não somos empregadas deles, estamos ali só para orientá-los. Elas tomam o café e nem retiram a xícara da mesa. Isso eu acho que é comodismo da parte delas”,
- “no meu grupo não é assim, todos participam”,
- “eu também não vejo o idoso como acomodado. No meu grupo tem uma senhora de 86 anos que faz questão de estar sempre presente, inclusive nas viagens. Ela faz um crochê divinamente bem”,
- “há diferenças individuais. Há pessoas até da mesma classe social que apresentam diferenças muito fortes. Umas têm 80 anos e parecem mais novas e animadas que outras de 60 anos”,
- “a terceira idade é uma vida de ensinamento, doação, troca de experiência”,
- “elas gostam de expor tudo o que já passaram. Elas gostam de trazer sempre uma novidade para o grupo. Uma gosta de ensinar o que sabe para outra”,
- “os idosos têm que ceder, aproximarem-se mais dos familiares. Se eles se isolam, aquela atenção não vem para eles. Se escuta muita queixa de que em casa não ligam mais para eles. Minha mãe só reza, se isola. Ela não precisa só viver esperando o carinho. Eles não sabem dar carinho porque não tiveram. Por isso devemos sempre puxar por eles para que eles não se isolem e participem, mas eles têm que cooperar. Eles não são flexíveis. Eles precisam escutar os mais jovens, não achar que só eles estão certos. Quando a gente é criança precisa da mãe, quando eles são idosos precisam de nós. Acho que a pior coisa que pode acontecer é a pessoa não se sentir mais útil”,

- “elas vão no grupo buscar o que não tem em casa – o carinho. Sentem falta do grupo. Nos dias em que não tem encontro chegam a ir na casa dos voluntários para conversar”,
- “eu considero o grupo uma aprendizagem. A sociedade não valoriza mais o idoso. Por isso o SESC mudou, não fala mais em Feira do Idoso, porque com esta denominação as pessoas não davam valor, achando que só seriam expostos aquelas coisinhas que velhinhos fazem. No nosso grupo, temos um senhor com 90 anos que ainda faz trabalho de marcenaria. Nós que trabalhamos com idosos temos que valorizar muito mais. Devemos oferecer a eles tudo que é bom. O grupo não é só trabalho, é também reencontro. Amigos que não se vêem há anos, se reencontram nas festas dos grupos. Eles já trabalharam bastante. Tudo que pudermos oferecer à terceira idade devemos proporcionar ao idoso”,
- “eu vi na televisão um grupo de idosos de São Paulo que faz teatro. O nome do Grupo é “Confesso que vivi”. Assisti no programa Jô Soares. A mais velha tinha 85 anos e havia uns jovens, até para ajudar os idosos, se fosse preciso durante as apresentações. Mas se nós formos convidar o nosso grupo para fazer teatro, eles não aceitam. Os nossos velhos são frios”,
- “nem todos”,
- “eu sou, eu não gosto disso”,
- “é verdade, tem pessoas extrovertidas, outras introvertidas”,
- “o idoso considera o grupo uma graça”,
- “a gente sabe que o idoso é muito rico em experiências. Eles tem manias. Mas, nós éramos crianças e aquela criança permanece em nós e, às vezes, aparece de novo. Depende muito da formação de cada um. O idoso às vezes não sabe como mostrar a riqueza que existe nele.

Os idosos fazem trabalhos maravilhosos. Outros com menos idade já não fazem com aquela perfeição. Muitos não foram desperta-

## Treinamento de Palhoça

Neste encontro também, com a intenção de provocarmos o diálogo que levasse os participantes à reflexão, à tematização de suas vivências junto aos grupos da terceira idade, indagamos sobre o significado da terceira idade.

As pessoas expõem sua compreensão, expondo-se também a si mesmas:

- “idoso é aquele que sabe levar a vida para frente e não deixar a vida cair. Viver é a coisa mais importante”,
- “os idosos são pessoas experientes, com muitas lições a dar. Eles podem ensinar os mais novos. Eles têm que se conscientizar que têm muito a dar”,
- “eles acham que ficar idoso é acabar com a vida, mas não é assim não. A vida é boa, tem que se aven-

dos para a riqueza que tem. Não dá para definir o que é ser idoso, pois cada um é um, cada um tem sua história”,

Tematizamos o significado do grupo para a pessoa idosa. Os sujeitos expressam:

- “os idosos passam muita coisa para a gente. Por eles, teria grupo todos os dias. Nasceu uma vida nova para os idosos”,
- “no nosso grupo eles se observam, se abraçam, tem uma que se isola para chamar a atenção. Então, a gente a abraça. Elas dizem que a melhor coisa que lhes aconteceu foi o grupo de idosos”,
- “aprendi muito com os idosos, eles são maravilhosos. Querem muito trabalhar e conversar. Às vezes eles têm mais alegria do que os próprios voluntários”,
- “uma senhora que era viúva foi indagada porque participava do grupo. Ela falou: “eu comecei a viver quando passei a participar do grupo. A partir daquele momento é que a vida começou a ter sentido para mim”,
- “o grupo é uma terapia: temos uma idosa que estava com uma sobrinha, de 38 anos, muito doente, com depressão. O médico recomendou que ela se ocupasse com alguma coisa. A idosa pediu que nós a aceitássemos no grupo. Nós aceitamos. Hoje ela está outra. O grupo serviu de terapia. É uma ajuda que se dá a outra pessoa”,

## Uma compreensão dos enunciados expressos

Significação subjetiva não é sinônimo de exclusividade para um indivíduo. Significação subjetiva quer dizer que ela é manifestação do fenômeno para um sujeito, a partir de um lugar, de um ponto de vista, que pode ser vivenciado e experimentado por quaisquer sujeitos que se posicionam neste lugar e neste ponto de vista (...).

Na significação realiza-se a unidade fenomenológica do ato de dar sentido, ou a intenção significativa e o

ato de preenchimento significativo ou de referência à expressão. A universalidade de sentido não é uma abstração formal. Ela é concreta, histórica e diz respeito à existência. Assim, ela é individual e coletiva, infinita e inesgotável. O sentido de um fenômeno não se esgota nos sentidos a ele atribuídos, pois o significado é mais rico que os significados que nós a ele atribuímos historicamente (Capalbo, 1984, p. 32).

Os recortes que descrevemos, das falas mais significativas pronunciadas em nossos encontros pelos participantes, expressam compreensões subjetivas sobre a Terceira Idade; e o que se pretende é a construção de uma significação intersubjetiva; a intertextualidade.

Busca-se uma compreensão plural de sentidos, ou seja, a “*experiência humana do pluralismo, do respeito mútuo e do acolhimento*” (Capalbo, 1984, p. 33).

Ao analisarmos as significações expressas sobre a Terceira Idade, bem como sobre os Grupos de Convivência, não podemos esquecer que toda reflexão se faz em situação, ela é histórica. A existência e o pensamento são situados.

Devemos, portanto, ter claro que as compreensões aqui expressas sobre velhice têm um caráter histórico.

Pela visada do que foi expresso compreendemos que o fenômeno velhice foi revelado num duplo sentido:

- a) num sentido ôntico – como sendo algo possível de descrição – identificável por suas manifestações objetivas. Assim, a velhice aparece como última etapa da vida, como característica biopsíquica: aparência física, doença, depressão, teimosia, chantagem, passividade, acomodação, inutilidade, etc.
- b) num sentido ontológico – como possibilidade sempre

aberta. Aqui a velhice é pensada tomando-se como fundamento o modo de ser, de estar presente das pessoas idosas.

Não há uma imposição de sentido de fora para dentro. Assim, a velhice aparece como movimento do ser, o “ser sendo”. A velhice é significada como possibilidade de ruptura, experiência de liberdade, engajamento, responsabilidade social e compromisso. Fica explicitada a realidade do ser pessoa – do dar sentido à vida e do ter projeto (existencial).

Os voluntários revelaram consciência dessas duas realidades: – do *ente* e do *ser* – na análise reflexiva do fenômeno “Velhice” ou Terceira Idade.

Não houve negação da realidade ôntica, mas identificação do seu caráter limitador. Observamos, pelo descrito, um privilegiamento da categoria do ser.

Por outro lado, se chegarmos, através do método fenomenológico, à estrutura fundamental do vivido, podemos dizer que o idoso é pessoa e que a velhice está inscrita na temporalidade humana.

Resta-nos, ainda, refletir sobre as significações desveladas sobre os grupos de convivência.

O homem é um ser da ordem da história; não é puramente um ser natural. Para Heidegger a historicidade é um modo de ser da temporalidade.

A historicidade surge da temporalidade humana e por isso, quando falamos de mundo histórico, já pressupomos um mundo dos homens (Capalbo, 1987, p. 83).

Nos grupos de Convivência os idosos e voluntários realizam uma experiência de relação, de encontro.

O estar no mundo é estar-com-outro. O mundo é um mundo inter-humano.

Para se efetuar um encontro é preciso que escolhamos a realização desse encontro (Capalbo, 1987, p. 51).

As pessoas significaram o sentido deste encontro inter-humano, vivido na espaço-temporalidade dos Grupos de Convivência, como: experiência que afirma o ser em sua identidade, resgata o sentido de ser e de estar no mundo; permite o encontro, a liberdade, a troca afetiva. O grupo constitui-se, ainda, como instrumento de resgate da história (subjetiva e inter-subjetiva), como referência para a vida, para a saúde e para a morte. Permite a explicitação de um sentido ético para a ação humana (ser para o outro). É mediação do engajamento e, portanto, realizador da historicidade humana.

## Considerações finais

Através de atos de fala os sujeitos aqui tratados enunciam suas distintas compreensões sobre velhice.

A linguagem, numa perspectiva pragmática, é considerada uma forma de ação: assim, "*os atos de fala acionam convenções que regulam institucionalmente as relações entre sujeitos, atribuindo a cada uma um estatuto na atividade da linguagem*" (Maingueneau, 1987, p. 30).

Há uma correlação entre atos de fala e práticas sociais.

...indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais são capazes de entrar em acordo a propósito das representações de linguagem destas práticas (Maingueneau, 1987, p. 30).

A experiência prática descrita revela-nos sujeitos que, num processo de interlocução, numa relação dialógica, tendo como referência uma prática social comum, enunciam o fenômeno da velhice e da participação nos grupos de convivência de idosos.

Embora as enunciações tenham um caráter de subjetividade (os sujeitos constituem-se sujeitos de seus discursos), por outro lado, esta subjetividade assujeita os sujeitos.

As pessoas (sujeitos) envolvidas nos encontros, em sua grande maioria, são voluntários que portam um projeto de vida, de ação no mundo, fundado numa ideologia religiosa (cristã). A partir da formação discursiva (ideologia) em que se inserem esses sujeitos, a pessoa idosa é percebida como alguém fragilizada física e emocionalmente, que precisa do amor, da caridade, da atenção do voluntário para poder viver. Por outro lado, o voluntário, vivendo a "caridade", o "amor ao próximo", acredita estar realizando o projeto cristão de vida. Na experiência, os voluntários revelaram-se "felizes", integrados à ideologia do seu mundo social.

Os enunciados sobre velhice são polifônicos. Algumas falas enunciam a "meiguice", "mansidão" e "subordinação" dos velhos.

Nessas situações, a atitude dos voluntários é de aceitação e defesa dos idosos. Há, inclusive, uma reivindicação do direito à cidadania dos idosos. Questionam a estrutura e organização política (poder instituído) que não garante o direito dos idosos.

Nesta heterogeneidade enunciativa, os velhos são também criticados quando se colocam numa situação de acomodação, conformismo e submissão. Os voluntários consideram-se explorados por estes velhos.

Atravessando todas estas falas, chamou-nos a atenção os enunciados sobre velhice expressos pelos voluntários que são idosos. Esses significam velhice como um tempo da temporalidade da vida humana. Colocam-se contra a dominação de sentido de velhice imposta pela sociedade, como tempo de inutilidade. Expressam um sentido profundo de

vida que supera as determinações impostas pela idade. A vida, neste tempo de velhice, é expressa, ainda, como desejo, impulso para os afetos, à participação (ação), ao conhecimento (desvelamento do mundo).

O grupo de convivência foi enunciado como espaço de encontro, liberdade, identidade, afetividade. A vida é resignificada pela participação no grupo. O sentido do ser e do existir são redescobertos. O grupo é mediação para o engajamento social, para a vivência da historicidade humana.

Consideramos que esta experiência, vivida através dos treinamentos, possibilitou-nos uma relação intertextual polissêmica. Os enunciados foram expressos como manifestações de concepções do mundo. As pessoas, ao se manifestarem, revelaram uma compreensão subjetiva (individual) e inter-subjetiva (social) do fenômeno (velhice) que refletiram.

Nossa intenção não foi destruir os discursos, as ideologias que fundavam as compreensões, expressas pelos voluntários, mas, contribuir, através de uma troca enriquecedora, na abertura de cada totalidade e identidade cultural.

Isto favorece o fluir de uma atitude de tolerância, de aceitação do distinto, de relativização da verdade, tendo o efeito de capacitar para uma compreensão intertextual e para uma ação mais solidária e democrática

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Anna Augusta de. *Possibilidades e limites da teoria do Serviço Social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- ARAÚJO, Maria Helena Correia de. O "Dasein" de Heidegger, Personalismo de Mounier e o Serviço Social. *Debates Sociais*, Rio de Janeiro, n. 30, p. 11-12, jan/jun. 1980.



- BEAINI, Thais Curi. *A Escuta do Silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1981.
- CAPALBO, Creusa. Algumas considerações sobre a Fenomenologia que podem interessar ao Serviço Social. *Debates Sociais*. Rio de Janeiro, n. 8, p. 58-66, 1980. Suplemento
- \_\_\_\_\_. Fenomenologia e Serviço Social. *Debates Sociais*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 23-39, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1987.
- CAPALBO, Creusa et al. *Fenomenologia e Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1983.
- DIAS, Maria da Graça dos Santos. *A Pessoa Idosa e a Vivência da Participação*. Porto Alegre, 1987. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) –PUC-RS.
- FURLANETTO, Maria Marta. [Análise do Discurso I] UFSC, Pós-graduação em Letras, 1994, mimeo da Furlanetto.
- HEIDEGGER, Martin. *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. São Paulo: Moraes, 1981.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes/Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. Santos: Martins Fontes, 1964.
- ORLANDI, Eni. et al.. Sujeito & Texto. *Cadernos PUC*, São Paulo, n. 31, p. 8, 1988.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Pessoa e Existência: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.
- STAM, Roberto. *Bakhtin: da Teoria Literária à Cultura de Massa*. São Paulo: Ática, 1992.

**Endereço – Autora**

Avenida Mauro Ramos, 717,  
Apto. 204  
Centro – Florianópolis/SC  
CEP: 88020-301